

A BIBLIOTECA (Fictício).

Perdida entre uma padaria que insistia em chamar croissant de pão francês recheado e uma farmácia que vendia chupetas ao lado de vibradores, a biblioteca da Rua dos Andradas parecia ter sido esquecida por todas as reformas urbanas, políticas públicas e algoritmos de recomendação. Sua fachada descascada exibia um brasão corroído pelo tempo — talvez de alguma antiga sociedade de leitores ou, quem sabe, do brasão do próprio saber, já em ruínas.

Lá dentro, no entanto, o mundo não se dobrava aos caprichos do presente. O tempo se expandia em silêncio, e a poeira que cobria as estantes parecia mais um véu sagrado do que um sintoma de negligência. Os livros não estavam organizados por temas ou autores, mas por humores. Sim, humores. Segundo Dona Léa, a bibliotecária que mais parecia uma personagem de Dickens, “há dias em que só se pode ler algo melancólico, e outros em que o riso é a única linguagem possível.” Assim, “Crônica da Casa Assassinada” dividia espaço com “O Auto da Compadecida”, dependendo da disposição das almas que ali transitavam.

A biblioteca era visitada por poucos — talvez porque ler, hoje, é quase um ato de subversão. Os jovens preferiam os gritos das redes sociais aos sussurros dos livros. Mas havia sempre os excêntricos. Um homem de paletó marrom e sapato roto, que relia todas as semanas *A Morte de Ivan Ilitch*, como se buscando nas páginas uma desculpa para ainda não morrer. Um menino de doze anos que lia com olhos marejados *O Velho e o Mar*, sem nunca ter visto o mar, mas já compreendendo algo essencial sobre perdas e silêncios. E uma mulher ruiva, vestida de verde, que lia romances russos como quem decifra profecias.

E havia eu. Que chegava sempre às terças, às quatro da tarde, depois de uma reunião infrutífera no gabinete, com a alma murcha e a mente cansada de relatórios, e me escondia entre as prateleiras de Filosofia e Devaneio. Lia Montaigne, um pouco de Hannah Arendt, às vezes Clarice. Tinha a impressão de que todos os autores conversavam entre si, às minhas costas. E não era raro sair dali com a sensação de que algo profundo havia se movido em mim, como uma maré subterrânea de lucidez.

Era ali, naquele abrigo discreto e resistente, que o mundo fazia sentido de novo. Não o mundo das manchetes ou dos decretos, mas o mundo dos afetos, das ideias e da memória. A biblioteca não combatia a ignorância com slogans, nem fazia campanhas virais. Ela apenas permanecia. Como um velho farol aceso para os que ainda desejavam, de vez em quando, voltar a enxergar.

E talvez fosse esse o seu maior poder: não salvar o mundo — que anda teimosamente irredimível —, mas salvar quem se deixa tocar pelo silêncio das páginas.

Ali, entre uma edição esfolada de *Os Irmãos Karamázov* e um volume quase ilegível de *Grande Sertão: Veredas*, descobri que há mais civilização num parágrafo bem escrito do que em muitos tratados. E que resistir também pode ser sentar-se em uma cadeira desconfortável, com um livro no colo, enquanto o mundo lá fora grita.

E lê-lo até o fim.